

- 4 A vogal /a/ na posição pós-tônica é realizada como um alofone, o mais das vezes representado por [ɐ]. Uma análise fonética detalhada do português brasileiro é encontrada em Callou, Moraes e Leite (1996).
- 5 Em algumas variedades da fala essa flutuação é também notada na vogal átona final, isto é, em todo o plano postônico, como é o caso de algumas comunidades do Paraná e do Rio Grande do Sul, que foram colonizados por europeus não-portugueses, basicamente.
- 6 Apenas casos raríssimos podem ocorrer, como [civil] "cível", mas raramente *[móvil] "móvel".
- 7 Grifo nosso.
- 8 Mais detalhes sobre a fonologia do Catalão pode ser encontrado em Mascaró (1978), Hualde (1992), Palmada (1997) e Bonet e Lloret (1998).

O PARALELISMO LINGÜÍSTICO E SUA ATUAÇÃO NO PROCESSO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBO-SUJEITO

Dermeval da HORA
Universidade Federal da Paraíba, CNPq

Sandra ESPÍNOLA
Universidade Regional do Cariri

RESUMO

O objetivo deste trabalho é, a partir dos dados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), discutir a concordância verbal e uma de suas restrições variáveis, o princípio de paralelismo formal, segundo o qual marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

ABSTRACT

The purpose of this work is to employ data from the Paraíba Linguistic Variation Project. The work uses subject-verb agreement and a restriction in the VARBUL Program (PINTZUK, 1988) to describe the principle of formal parallelism, according to which features correspond to features and zeros to zeros.

PALAVRAS-CHAVE

concordância verbal, paralelismo forma, variação linguística.

KEY-WORDS

subject-verb agreement, formal parallelism, linguistic variation.

Introdução

A língua é um fato social, dinâmica, heterogênea e sua variabilidade inerente ao indivíduo faz parte do sistema lingüístico. Pensando

nisso, ao estudá-la, deve-se levar em conta a correlação que existe entre um fenômeno lingüístico e as restrições sociais e estruturais.

Com base na Teoria da Variação (Labov, 1966; Weinreich, Labov, Herzog, 1968) e utilizando o *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba-VALPB (Hora, Pedrosa, 2001), este artigo tem como objetivo descrever, a partir do estudo da variação na concordância verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no Sintagma Verbal (EV) (Ex.: *Eles cantam/Eles canta*) realizado por Espínola (1999), o princípio do paralelismo lingüístico, segundo o qual marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (Poplack, 1980; Scherre & Naro, 1993; Scherre, 1988, 1998; Carvalho, 1997; Vieira, 1997).

A hipótese que se levanta é que a presença de marca explícita no Sintagma Nominal (SN) sujeito conduz à presença de marca de plural no SV e a presença ou a ausência da marca de concordância em um verbo encontra paralelo no verbo seguinte.

Para desenvolver tais idéias, o texto está assim estruturado: na seção 1, será apresentado o estado da arte acerca do fenômeno da Concordância Verbal (daqui por diante CV), apresentando conceituações presentes nas gramáticas normativas e também os diferentes estudos já realizados a seu respeito; na seção 2, será abordada a restrição paralelismo lingüístico, considerando seus aspectos discursivo e oracional e simultaneamente serão discutidos os resultados obtidos; na seção 3, serão apresentadas as considerações finais.

1. Fenômeno de CV

A CV é um campo aberto para muitas e intrigantes questões. Esse fenômeno sintático é um dos pontos da Gramática Tradicional mais polêmicos, tendo em vista que as normas estabelecidas nem sempre correspondem ao seu uso por parte do falante.

A gramática, com todas as suas prescrições, é um dos meios pelos quais a camada social mais alta se impõe sobre a mais baixa,

tendo como aliada a língua escrita, difundida nas salas de aula e transformada em dogma pela escola. Nesse aspecto a não-concordância implica a estigmatização por parte dos usuários com mais anos de escolaridade.

As gramáticas pedagógicas apresentam uma certa incoerência ao tratarem da CV. Primeiro, limitam-na à concordância do verbo ao seu sujeito correspondente, mas, em seguida, apontam outros termos com os quais o verbo pode concordar (predicativos, expressões numéricas e partitivas). Como é grande o número de prescrições, muitas vezes, a concordância se dá mais pelo critério semântico do que formal, como sugerem Cunha & Cintra (1985:488): “Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural”. A esse respeito, os próprios autores afirmam:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

Segundo Bechara (1964:362), “diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”.

Da mesma forma, Almeida (1961:380) revela que há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Para ele, “(...) constitui êsse um fenômeno de ‘concordância por atração’ e se opera sempre que na frase entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído *de o, aquilo, isso, isto, tudo*: (...)”.

Para esse autor, “concordância é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende” (Almeida, 1961:368). Segundo ele, os ter-

mos que na oração devem concordar são: o verbo, que se acomoda ao sujeito; o adjetivo, que concorda com o substantivo; o predicativo, que concorda com o sujeito e o pronome, que concorda com o nome a que se refere.

Assim é visto o processo de CV na língua escrita, e, com relação à língua falada, fonte lingüística usada neste trabalho, alguns estudiosos possuem uma visão diferente e mais flexível. Por exemplo, Melo (1951) acredita que a ausência de concordância não afeta a clareza e a inteligibilidade da frase e que esse processo não passa de um reflexo da lei do menor esforço e a busca pela simplificação. Essa ausência significaria apenas uma maneira de dispensar um traço redundante. Para Said Ali (1964:279),

A concordância não é, como parecerá à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir, num termo determinante ou informativo, o gênero, número ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes uma redundância.

Conforme Silveira (1964:218), a ausência de concordância entre o sujeito e o predicado ocorria com frequência no português arcaico. Da mesma forma, segundo esse autor,

a língua moderna, sobretudo na sua modalidade popular, revela vestígios dessa antiga arbitrariedade, principalmente quando o sujeito do plural vem depois do predicado: tende este a ficar no singular como se, empregando primeiro o predicado, a pessoa que fala o deixasse no singular por ainda não ter pensado em que número vai dizer o respectivo do sujeito".

Melo (1946:63) já apontava a dimensão social como forte condicionadora da concordância de número. Segundo ele, a simplificação das flexões nominal e verbal constitui o elemento mais original e característico da fala popular brasileira, tendo sido determinada pela influência conjugada tupi-negra. O resultado dessa influência, principalmente da africana sobre o português, foi, segundo o autor, a sim-

plificação das flexões verbal e nominal de número que se pode perceber na fala popular.

Numa perspectiva lingüística, Lemle e Naro (1977), com o objetivo de estudarem a mudança na sintaxe de concordância, no português brasileiro, partem do pressuposto de que a perda de concordância ocorre mais precisamente com aquelas formas verbais menos salientes ou perceptíveis.

Assim, para esses autores, a CV no português do Brasil é uma regra sintática variável, e sua aplicação em contextos de 3ª pessoa do plural é determinada pelo grau de saliência fônica que estabelece a oposição entre as formas do singular e as do plural.

Segundo Naro (1981:64), no português padrão, um verbo deve concordar com seu sujeito, caso este elemento recente esteja explícito ou apagado, anteposto ou posposto.

Guy (1981:108), ao estudar o português popular do Brasil no falar carioca, com dados do projeto Competências Básicas do Português, observa que no português popular do Brasil pode ser encontrada variabilidade nos elementos que compõem o SN e nos que compõem o SV, podendo ser encontradas formas, como: *as casas, eles cantam*.

Segundo ele, o sistema de concordância do português é caracterizado, primariamente, por um sufixo *-s* no sistema nominal e nasalização da vogal final, representada por *-m* e morfofonemicamente como *-N*, no sistema verbal. Portanto, para muitas palavras, a variação na concordância de número se dá quando há um apagamento da sibilante final ou uma desnasalização das vogais finais.

O português brasileiro padrão (PB) possui um sistema de concordância bastante extenso e obrigatório. Os padrões de concordância do PB do período arcaico incorporaram novas formas, ao longo do tempo, com a crescente influência latino-clássica e pela evolução natural do idioma.

Para Guy (1981), é muito comum, no PB não-padrão, ouvirem-se sentenças com sujeito no plural e verbo no singular, acontecendo essencialmente nas formas de 3ª pessoa. Dois são os

motivos, segundo ele, para este fato: primeiro é a posposição do sujeito, que é muito menos provável de ser marcado quando assume essa posição, e o segundo envolve a morfologia de marcação do plural do verbo português.

Para esse autor, essas variações (nominal e verbal) não são distribuídas uniformemente na comunidade. Por exemplo, os falantes das classes média e alta apresentam um maior uso das regras de concordância nominal e verbal do que a classe baixa.

Segundo Naro (1981:64),

As variantes populares tendem a ocorrer mais freqüentemente na fala das classes de nível sócio-econômico mais baixo. Enquanto as variantes *standard* são mais freqüentes na fala dos níveis sócio-econômicos mais altos, em rádio e televisão etc.

Guy (1981:107) menciona, ainda, que o marcador de plural absolutamente regular na 3ª pessoa do português padrão é a nasalização da sílaba final (ditongo ou vogal) e essa nasalização é acompanhada regularmente por uma ditongação, que ocorre devido ao fato de algumas vogais, no singular, passarem por um alongamento, quando são não acentuadas. O autor faz outras considerações acerca dos dialetos populares no PB. Por exemplo, palavras terminadas em *-em* /eN/ algumas vezes são realizadas como [i] (Ex.: *falem* [faley] ou [fali]) e palavras terminadas em *-am*, freqüentemente realizadas como [u] ou [u] (Ex.: *mataram* [matarãw], [mataru] ou [mataru]).

Segundo Guy (1981:119), uma das possíveis explicações para esses fatos é que

as pronúncias [i] e todas as pronúncias [u,u] de palavras que têm um /oN/ subjacente podem ser descritas como uma modificação menor da regra de elevação que permite aplicá-la às vogais nasais. No sistema verbal isto incluiria todos os plurais *-e N*, mais todos os plurais do pretérito, que vêm do Latim *-unt*, por via do português arcaico *-om*. Porém todos os outros plurais verbais (que vêm do latim *-ant*) mais palavras como *órfão* (do Latim

orphano) não podem ser explicadas como exemplos de elevação, e requerem uma explicação baseada em um processo fonológico que reduz um ditongo não acentuado pela contração dos núcleos em um glide.

Portanto, na visão de Guy (1981), a ausência de CV na 3ª pessoa do plural deve-se a dois processos variáveis: à não aplicação da marca de concordância verbal e ao efeito de desnasalização que incide sobre a forma verbal, mesmo quando esta sofre a flexão pedida pelo sujeito plural.

Segundo esse autor (1986:7), para Lemle e Naro (1977), o português popular do Brasil (PPB) é descendente, via mudança sintática "natural", de alguma variedade anterior do português que teve as regras de concordância de número categóricas e obrigatórias, como no *standard* moderno. A inovação, para eles, é a ausência de concordância em contextos onde a língua padrão a requer, e interpretam a saliência, mostrando que ocorre mais inovação (isto é, mais ausência de concordância) nos ambientes menos salientes.

Essa perda de concordância de número no PB levanta uma discussão entre alguns estudiosos como Guy (1981, 1986, 1989), que acredita na influência ancestral de uma variedade de *pidgin* ou crioulo sobre o fenômeno da CV.

Diferentemente de Guy, Naro (1981) considera que a concordância de número no português brasileiro, mais especificamente a verbal, está passando por um processo de mudança, caminhando em duas direções opostas: uma em direção a um sistema sem marcas, envolvendo um mecanismo de perda pela comunidade; outra em direção a um sistema com marcas, envolvendo, portanto, um mecanismo de aquisição dessas mesmas marcas, por parte do indivíduo. Assim, na comunidade observada por Naro, pode haver falantes num processo de aquisição da forma marcada, enquanto outros podem estar, ao mesmo tempo, num processo de perda dessa forma.

Naro & Scherre (1993:437) apontam três forças atuantes na produção do português popular do Brasil: algumas vindas da Europa,

outras da América, e outras da África. Segundo eles, deve-se lembrar do importante papel desempenhado pelos índios, pelos primeiros colonos portugueses, além de outras forças em interação com a deriva secular trazida da Europa, e não apenas atribuir um papel exclusivo a um suposto *pidgin* ou crioulo de base lexical portuguesa.

Parece então improvável que tenha existido no Brasil uma língua *pidgin* ou crioula de base lexical portuguesa associada predominantemente com a etnia afro-brasileira ou ameríndia. Tal língua era dispensável, dada a existência de outras 'línguas gerais', de bases não européias, que já preenchiam as necessidades comunicativas da população." (Naro & Scherre, 1993:441)

Baxter & Lucchesi (1997:75-81) e Lucchesi (1998:94) divergem, parcialmente, da idéia de Guy sobre a crioulação, lançando uma outra hipótese sobre o processo aquisitivo, especialmente no português do Brasil. De acordo com ele, o contato entre a língua trazida pelos escravos e a dos portugueses, durante a colonização, gerou um dialeto que tinha como alvo a língua dos senhores, mas como o contato entre escravos e senhores não era possível, esse dialeto foi se afastando da língua alvo e transformando-se em um *pidgin*, que influenciou irregularmente os descendentes desses escravos, gerando assim, um semi-crioulo. Em outras palavras, uma Língua 2 (L2) dos pais, devido à dificuldade de acesso à língua alvo, serve como modelo irregular para a Língua 1 (L1) dos filhos, gerando uma nova língua.

Os estudos sociolingüísticos, acerca da concordância verbal, tiveram início no Brasil com os trabalhos pioneiros de Lemle e Naro. Para esses autores, a regra de CV mostra-se, ainda, categórica nas classes média e alta, mas na classe sócio-economicamente mais baixa essa regra estaria seguindo um curso evolutivo, em direção a um sistema sem marcas.

O trabalho de Naro (1981:96) retoma os mesmos dados de Competências Básicas do Português (1977) e reanalisa a variação da regra de concordância verbal no português. Ele conclui que "dois as-

pectos do processo global de mudança lingüística podem ser distinguidos para propostas analíticas: a atuação (origem), isto é, o ponto inicial, ou, primeiro contexto, de uma mudança e a difusão, isto é, o espraiamento subsequente da mudança para outros ambientes". Naro argumenta, ainda, que, na perda da CV, a força lingüística atuante é a de uma regra de desnasalização das vogais finais que atua sobre as formas verbais do tipo *comem*, produzindo formas que coincidem exatamente com as do singular (*come*). Esta perda de oposição singular/plural causa uma confusão na estrutura de superfície da língua. Para Naro (1981:96), a difusão do sistema sem concordância se dá de acordo com o princípio da saliência, que se estende mais fortemente em contextos onde a mudança é menos perceptível e consiste no princípio de que as formas mais salientes são mais favoráveis à presença da marca de concordância, enquanto as menos salientes são desfavoráveis.

Nicolau (1984:7-8, 31) estuda a variação da concordância entre o verbo e sujeito plural, observando os resultados, no português coloquial de Belo Horizonte. Para tanto, ela utiliza dados de 32 informantes de quatro grupos sociais diferentes, de ambos os sexos e distribuídos em dois grupos etários distintos (4 jovens e 4 adultos). Ela observa apenas os casos de sujeito plural (simples ou composto, anteposto ou posposto) perfeitamente identificável.

Vale salientar que essa autora trabalha com a não-aplicação da concordância verbal, ou seja, a aplicação, para ela, é a variante zero.

Os resultados obtidos por Nicolau (1984:159) mostram, primeiro, que a ausência de concordância verbal é determinada muito mais pela posição do SN sujeito em relação ao verbo do que pela constituição do SN sujeito; nos casos em que é dificilmente percebida a relação SN/SV (sujeito posposto ao verbo na oração e sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural), a ausência de concordância é bastante favorecida.

Segundo, um fator condicionador da flexão verbal no SV, nos casos de 3ª pessoa do plural, é o estilo informal de fala, mas apenas em

três (baixo padrão de vida, operários e médio padrão de vida) dos quatro grupos estratificados. No outro grupo social que representa o alto padrão de vida, é no estilo formal que a ausência de CV se faz mais presente.

Finalizando, de acordo com Nicolau (1984:160), "a ausência de concordância verbal no Português coloquial de Belo Horizonte caracteriza-se como uma variável estável que apresenta nítida estratificação social".

Um outro trabalho que aborda o fenômeno variável da CV é o de Graciosa (1991), que analisa a fala de 18 informantes da cidade do Rio de Janeiro, de nível superior de instrução, pertencentes ao *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), implementado na década de 70, em cinco capitais brasileiras.

Os resultados de seu estudo apontam que as condições favoráveis à presença da marca de CV são a anteposição do sujeito ao verbo, a proximidade entre o SN e o verbo e a formação de seqüência pelo verbo na cadeia discursiva, condicionada ao efeito do paralelismo.

Bortoni Ricardo (1981) selecionou, com o objetivo de examinar as reações subjetivas à falta de CV na 3ª pessoa do plural no português, dois grupos de falantes (11 homens e 13 mulheres) de diferentes graus de escolarização (superior e supletivo) e alunos da disciplina Língua Portuguesa I. Na realização dos dois experimentos a autora procurou, no primeiro, distinguir duas comunidades de fala em termos de suas reações ao traço de CV; e no segundo, avaliar as reações de universitários à falta de CV nos diversos ambientes morfosintáticos que provaram ser relevantes à presença da marca de concordância na pesquisa de Lemle e Naro (1977).

No resultado obtido pela autora, o experimento demonstrou que os falantes universitários estigmatizam a concordância verbal não-padrão, ao contrário dos falantes que freqüentam o curso supletivo, os quais, mesmo quando residem na área urbana e possuem curso primário, não estigmatizam essa forma. A autora tam-

bém constatou que, nas classes desfavorecidas, a incidência da forma não-padrão é mais alta do que entre os estratos de melhor nível de escolarização.

Além desses trabalhos sobre a CV, tem-se referência de outros trabalhos que não serão detalhados aqui (Vieira, 1997; Scherre, 1991). Na seção seguinte, será abordada a restrição Paralelismo Lingüístico, considerando seus aspectos discursivo e oracional.

2. Sobre o Paralelismo Lingüístico

O paralelismo lingüístico foi atestado primeiramente por Poplack (1980), em seu estudo sobre o /s/ no espanhol de Porto Rico e de porto-riquenhos residentes na Filadélfia (EUA). Nesse estudo, a autora observa o enfraquecimento e cancelamento do /s/. Ela constata que a manutenção da variante explícita de plural é favorecida pelo determinante, elemento que ocupa usualmente a primeira posição da frase, e esta, por sua vez, mostra-se mais conservadora da marca de plural. Poplack (1980:63), ao estudar o espanhol de Porto Rico, também constata que um marcador conduz a outro mais, e o cancelamento de um marcador conduz a outro cancelamento. Essa autora afirma que "a presença de uma marca de plural antes de um token favorece a retenção de marca neste token, enquanto a ausência de uma marca precedente favorece o apagamento. O efeito maior é produzido quando uma precede imediatamente o token (...)."

Poplack (1980:66-7) afirma que

os resultados desse estudo, além disso, indicam que os problemas causados por essas restrições em competição, no apagamento do (s) não podem ser resolvidos conclusivamente pelo exame do sintagma nominal. A resposta para essa questão pode estar em outras áreas da estrutura lingüística, tais como o sintagma verbal. Um estudo funcional da variabilidade no marcador verbal nos permitiria obter conclusões mais claras, acerca do apagamento e da *desambiguação*, no espanhol de Porto Rico.

Fenômeno comparável, no sistema verbal do Português, foi estudado por Scherre & Naro (1991). Construções que envolvem concordância verbal, nominal e com o predicativo foram amplamente estudadas, visto que apresentam variação na fala.

Quando se processa a repetição das variantes (zero ou explícita) da variável dependente dessas construções, tem-se a presença de um fator restritivo, que há muito tempo vem sendo usado na análise de fenômenos lingüísticos, em várias línguas.

De acordo com Scherre (1998:30), esse fator restritivo, ou variável independente, "ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra)". Ainda segundo Scherre (1998:30):

Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo lingüístico (...). Embora essa variável tenha um efeito uniforme e geral — candidata à universal de uso e processamento lingüístico (cf. Scherre & Naro, 1991) —, sua interpretação ainda é bastante diversificada.

Scherre & Naro (1991:23), ao estudarem o efeito do paralelismo sobre os sistemas de concordância no PB, afirmam que este fenômeno está em contradição direta com o princípio da economia lingüística, visto que marcas tendem a ocorrer precisamente naqueles contextos em que são altamente redundantes, e por isso, podem ser descartadas sem perda de informação. Além disso, as marcas sucessivas de ocorrências em série não podem ser consideradas estatisticamente eventos independentes, visto que a presença de marcas precedentes regula o efeito de marcas seguintes.

Para Scherre (1988:3),

Na concordância de número no português do Brasil, o funcionamento do paralelismo é particularmente interessante, porque, em algumas circunstâncias, tende-se a repetir variantes explícitas de plural — codificando mais o

que é mais previsível — e tende-se a repetir variantes zero de plural — codificando menos o que é menos previsível. Todavia, na interpretação de fenômenos variáveis de concordância explícita — fenômenos de codificação redundante —, evocou-se sistematicamente (e ainda evoca-se) o princípio da economia, associado pelo *sensu communi* à lei do menor esforço, com o objetivo de dar contas da variante zero plural — interpretada como falta de concordância."

A seguir será discutido o efeito do paralelismo lingüístico no plano oracional e no plano discursivo.

2.1. Paralelismo discursivo

Inicialmente foram classificados todos os casos de sujeito semanticamente plural de acordo com o ambiente discursivo, ou seja, se a ocorrência verbal precedente e mais próxima, com o mesmo sujeito plural, era morfologicamente marcada ou não (Cf. Scherre & Naro, 1991:24).

Foram separadas, por um lado, todas as construções seriadas, e, por outro, todas as construções isoladas. Para a codificação, a série (ou seqüência) foi definida de acordo com dois critérios: a construção analisada deveria ter o sujeito com a mesma referência que o sujeito da construção anterior e não deveria estar separada desta construção por mais de 10 cláusulas, e nem pelo discurso do entrevistador (cf. Scherre & Naro, 1993:8).

Neste plano (discursivo), o verbo precedente, quando referente ao mesmo sujeito ou a um sujeito do mesmo campo semântico, e apresentando variante explícita, favorece a presença de verbo subsequente igualmente marcado, enquanto um verbo precedente com variante zero de plural favorece a presença de zero no verbo seguinte.

Com o objetivo de observar se a presença de um SV anterior marcado conduz à presença de marca no SV seguinte, a variável foi dividida em seis fatores:

1. SV isolado
Ex.: "O que pudesse fazer pelas pessoa que *precisasse* eu fazia." (SMPS-2nf)
2. Primeiro SV de uma série
Ex.: "Eles *ficavam* lá os dois, mas nunca se falaru assim." (JRM-3nf)
3. SV precedido de outro marcado no discurso do documentador
Ex.: Entrevistador: "Você acha que as mulheres *devem* trabalhar fora?"
Informante: "Acho que *deve* trabalhar fora." (SMPS-2nf)
4. SV precedido de outro marcado no discurso do informante
Ex.: "Então essas pessoas me conhecem, também *acham* que eu sou uma católica." (PAM-1uf)
5. SV precedido de outro não-marcado no discurso do documentador
Ex.: Entrevistador: "Você acha que as pessoas do Rio, São Paulo *fala* diferente de você?"
Informante: "*Fala, fala* muito diferente."
6. SV precedido de outro não-marcado no discurso do informante
Ex.: "(...) têm outros que *fala* demais e num *diz* nada que se aproveite.

Apresentação e discussão dos resultados

O paralelismo discursivo foi a terceira variável selecionada como significativa para a análise e seus resultados revelaram que formas verbais anteriormente marcadas favorecem a presença de marcas no verbo seguinte.

Na rodada inicial, os resultados percentuais mostraram que, à semelhança de Scherre & Naro (1993:8-12), neste estudo, a concordância verbal é favorecida pelos fatores SV precedido de outro SV marcado tanto no discurso do informante como no discurso do documentador, enquanto as formas não marcadas nos discursos do informante e do documentador desfavorecem a concordância.

Depois de várias rodadas, chegou-se aos seguintes resultados com todos os fatores da variável paralelismo discursivo:

Fatores	Aplicação./Total	%	Prel. ¹
SV precedido de outro marcado no discurso do informante	588/787	75	0,64
SV precedido de outro marcado no discurso do documentador	10/17	59	0,71
SV precedido de outro não-marcado no discurso do informante	131/546	24	0,22
SV precedido de outro não-marcado no discurso do documentador	2/4	50	0,60
SV isolado	528/1026	51	0,50
Primeiro SV de uma série	394/654	60	0,58

Tabela 1. Influência do paralelismo discursivo sobre a presença da variante explícita de plural na CV (I)

De acordo com a Tabela 1, os resultados demonstram, de forma geral, que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros, pois os verbos que apresentam formas verbais anteriores marcadas tendem a reter a marca (0,64 e 0,71), enquanto aqueles que apresentam a variante zero como forma anterior, tendem a eliminar a marca de plural (0,22). Os fatores SV isolado e primeiro de uma série mostraram-se com efeito intermediário, aproximando-se, relativamente, mais das formas favorecedoras, especialmente o fator primeiro de uma série. O resultado referente ao fator SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador fugiu às expectativas, mas esse resultado inesperado não tem qualquer significado estatístico.

Sendo assim, os resultados favoráveis ao uso da marca de plural (0,64 e 0,71) se opõem àqueles que desfavorecem este mesmo uso (0,22).

O SV isolado e o primeiro de uma série, embora se aproximem mais do resultado das formas marcadas, apresentam um efeito intermediário, especialmente, o SV isolado.

Já o caso de SV não marcado no discurso do documentador, ao contrário do que se esperava, apresentou um alto índice de concordância (0,60), porém, neste caso, não se pode ignorar o pequeno número de dados, apenas quatro, que pode ter influenciado no resultado final.

Com esses resultados, vê-se que esta variável não envolve só a repetição de formas com marcas, mas também a repetição de formas zero. Ainda, vê-se que os verbos precedidos de outros anteriormente marcados tendem a ser muito mais marcados do que aqueles que são precedidos de formas não marcadas.

Buscando comparar os resultados deste estudo com os de Scherre & Naro (1993:10), decidiu-se amalgamar os fatores referentes às formas marcadas em único grupo, e as formas não marcadas em outro, e também as formas de SV isolado com as formas primeiras de uma série por ficarem entre os dois extremos. Dessa forma, tem-se:

Fatores	Aplicação./Total	%	Prel.
SV precedido de outro marcado no discurso do informante e do documentador	598/804	74	0,64
SV precedido de outro não-marcado no discurso do informante e do documentador	133/550	24	0,22
SV isolado ou primeiro de uma série	922/1680	55	0,53

Tabela 2. Influência do paralelismo discursivo sobre a presença da variante explícita de plural na CV(II)

Esses resultados confirmam a hipótese de que formas verbais marcadas elevam a possibilidade das formas verbais seguintes serem marcadas. Assim, o sintagma verbal precedido de outro marcado no discurso do informante e do documentador obteve os índices mais altos (0,64), enquanto o sintagma verbal precedido de outro não-marcado no discurso do informante e do documentador obteve o índice mais baixo (0,22), corroborando o princípio do paralelismo. Da mesma forma que ocorreu com os dados de Scherre & Naro (1993:10-11), o surgimento de um verbo isolado ou como primeiro de uma série, cujo peso relativo ficou em um ponto intermediário entre os dois extremos (0,53), não provoca aumento ou diminuição de marcas em relação à média global da concordância.

Vieira (1997:125) também observa, nos seus resultados, a tendência de verbos precedidos por verbos com marca formal de plural explícita favorecerem a concordância, enquanto verbos precedidos de verbos com marca zero de plural explícita ou de 3ª pessoa do singular de mesma forma apresentam tendência à não-concordância.

Esses resultados também podem ser comparados aos de Scherre & Naro (1993:10), ratificando a correlação entre o surgimento de um verbo marcado e a presença de marcas explícitas no verbo seguinte.

Nas rodadas por anos de escolarização os resultados não se alteraram: o fator que inclui as formas marcadas apresentou-se como mais favorável à presença da marca de concordância do que aquele referente às formas não marcadas. As formas isoladas ou primeiras de uma série permaneceram no ponto intermediário entre as outras duas, sempre próximas a 0,50, com exceção do resultado referente aos falantes com nenhum ano de escolarização, no qual alcançaram 0,60 de peso relativo, mostrando-se neutras com relação ao fenômeno da concordância verbal.

A seguir, serão apresentados os dados referentes ao paralelismo no nível oracional.

2.2 Paralelismo oracional

De acordo com Scherre & Naro (1991:28, 1993:4-5), espera-se, com a variável paralelismo formal, que um sujeito com marcas explícitas de plural influencie a presença de marcas explícitas no verbo e, inversamente, espera-se que um sujeito com as últimas marcas apresentando zero de plural favoreça um verbo com marca zero de plural.

Os fatores dessa variável estão assim distribuídos:

1. Sujeito com a última marca sem SPrep
Ex.: "(...) no dia que elas saíru, não quiseru nem vim se despedir de mim (...)." (GPS-3gf)
2. Sujeito sem nenhuma marca sem SPrep
Exs.: "Telê Santana e Raí ficaram quatro anos juntos no São Paulo." (HBC-1sm)
"a dificuldade são porque eu (inint) por causa da minha idade." (IFS-3gf)
3. Sujeito sem a(s) última(s) marca(s) sem SPrep
Ex.: "Os filho0 sai de noite, só chega de manhã." (MLS-1nf)
4. Sujeito com a última marca neutralizada sem SPrep
Ex.: "Os objetivos são estes mesmos." (AAM- 3uf)
5. Sujeito com a última marca com SPrep
Ex.: "Gosto de todos os tipos de músicas que me envolvam (...)." (MVSC-1m)
6. Sujeito sem nenhuma marca com SPrep
Ex.: "Tanto a mãe de Giuliano como Gisele se lembra muito." (GPS-3gf)
7. Sujeito sem a(s) última(s) marca(s) com SPrep
Ex.: "As pessoa0 do auditório pede faz um pedido a eles." (IMS-2nf)
8. Sujeito com a última marca neutralizada com SPrep
Nenhum caso encontrado no corpus
9. Presença de numeral no último elemento
Ex.: "Eles dois foru pra um um canto muito deserto." (IMS-2nf)

Apresentação dos resultados

O paralelismo oracional foi a quarta variável selecionada como significativa para a análise, e seus resultados revelaram que a presença de marcas no sujeito conduz à presença de marcas no verbo. A constatação desse fato veio confirmar o princípio do paralelismo lingüístico, já mencionado

Vale relembrar que se trabalhou apenas com construções que apresentassem sujeito formalmente plural, ou seja, todos os SNs sujeitos deveriam ter uma marca formal de plural, exceto os casos de numeral ou neutralização, que foram devidamente controlados. Os casos de orações complexas com Sintagma Preposicional encaixado e aqueles em que o sujeito não apresentasse qualquer marca (casos de sujeito coletivo ou alguns compostos) também foram controlados.

Na primeira rodada, com todos os fatores, os resultados percentuais atuaram no sentido de favorecer a concordância verbal. Os sujeitos com marcas elevaram a presença de marcas no verbo, ao contrário das formas nominais não marcadas.

Para executar então o VARB2000 foram necessárias a retirada e a amalgamação de alguns fatores, mas isto em nenhum momento prejudicou os resultados, que podem ser conferidos na Tabela 3.

Fatores	Aplicação./Total	%	P.rêl.
Sujeito com a(s) última(s) marca(s) com ou sem SPrep	970/1643	59	0,53
Sujeito sem a(s) última(s) marca(s) com ou sem SPrep	136/429	32	0,26
Presença de numeral no último elemento do SN	6/18	33	0,18
Sujeito com a última marca neutralizada sem SPrep	174/206	84	0,79

Tabela 3. Influência do paralelismo oracional sobre a presença da variante explícita de plural na CV

Observa-se nos resultados acima que o sujeito com a(s) última(s) marca(s) com ou sem Sintagma Preposicional (0,53) supera, em termos probabilísticos, o sujeito sem a(s) última(s) marca(s) com ou sem Sintagma Preposicional (0,26), com uma diferença de 0,27. O sujeito que apresenta um numeral como último elemento obteve um peso relativo muito baixo (0,18), em relação aos outros fatores. Além de serem poucos dados, apenas 18, o uso de marca explícita ficou aquém do que se esperava, mostrando que, neste estudo, a presença de numeral no SN sujeito, pelo menos como último elemento, não favorece a concordância verbal. Ao contrário deste, o fator que inclui formas neutralizadas no último elemento sem Sintagma Preposicional foi o que mais favoreceu a concordância (0,79), visto que ocorreu mais frequentemente com o verbo *ser*, em casos como *eles são*, que apresentaram um índice probabilístico de concordância muito alto, podendo ter influenciado no peso relativo da saliência fônica. No futuro, um estudo de difusão lexical talvez possa explicar esse caso.

Tendo as formas neutralizadas apresentado tão alta probabilidade de concordância, decidiu-se amalgamá-las com as formas marcadas no último elemento, para assim detectar qualquer alteração nos dados que pudesse interferir na probabilidade de concordância. Desta forma, na rodada final os dados, depois das alterações realizadas, apresentaram os seguintes resultados:

Fatores	Aplicação./Total	%	P.rel.
Sujeito com a(s) última(s) marca(s) com ou sem SPrep	1144/1849	62	0,56
Sujeito sem a(s) última(s) marca(s) com ou sem SPrep	136/429	32	0,27
Presença de numeral no último elemento	6/18	33	0,19

Tabela 4. Influência do paralelismo oracional sobre a presença da variante explícita de plural na CV

Após amalgamar os fatores de acordo com a presença ou ausência de marcas nos últimos elementos, obteve-se um resultado mais consistente e de forma a explicitar o princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas, ou seja, a possibilidade de um sujeito com marcas explícitas de plural influenciar a presença de marcas explícitas no verbo, ou ao contrário, um sujeito com marca zero de plural explícito influenciar a presença de marca zero de plural em seu verbo correspondente. (cf. Scherre & Naro, 1993:4).

Como os resultados mostram, os sujeitos com a(s) última(s) marca(s) com ou sem SPrep (0,56) favorecem a forma marcada de concordância, ao contrário das formas não marcadas no(s) último(s) elemento(s) com ou sem SPrep que a desfavorecem. Os casos de sujeito com presença de numeral no último elemento (0,18) apresentaram-se estatisticamente em um ponto intermediário entre o primeiro e o segundo. O caso do sujeito sem a última marca com SPrep (0,27) mostra que a ausência de marca, onde deveria existir, conduz à não concordância.

Com relação às rodadas por escolarização, em todas as faixas de escolaridade, as formas nominais marcadas se sobressaíram às formas não marcadas, no uso da marca de concordância. Nestas rodadas, os sujeitos constituídos no último elemento por um numeral foram retirados, restando apenas a oposição formas marcadas/formas não marcadas. Com isso, pretendia-se observar apenas a atuação destas duas formas, e assim obter um resultado final que demonstrasse o uso da concordância verbo-sujeito favorecida pela presença de *-s* no(s) último(s) elemento(s) do SN, quer inserido em um Sintagma Preposicional quer não.

3. Considerações finais

Os resultados obtidos para a variável paralelismo lingüístico no plano oracional e discursivo mostraram que, no plano oracional, as diferenças mais significativas tiveram uma concentração maior nas

formas marcadas e não-marcadas do SN sujeito anterior ao verbo. Os sujeitos que apresentaram marca(s) no(s) último(s) elemento(s) favoreceram a concordância, enquanto aqueles que não apresentaram essas marcas a desfavoreceram. No plano discursivo, agruparam-se os SVs que apresentavam marcas anteriores em um grupo e os que não apresentavam em outro, agruparam-se também os SVs isolados com os SVs primeiros de uma série. Os SVs com marcas anteriores mostraram um maior uso da variante explícita de plural e os SVs sem marcas anteriores um menor uso da forma explícita. Os SVs isolados e primeiros de uma série ficaram em uma posição intermediária entre os outros dois fatores. Esses resultados, a exemplo de outros estudos, só vêm a corroborar o princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, pois a presença de marca de plural, precedendo o SV analisado, elevou a probabilidade de este ser marcado e, de forma inversa, a presença de zero anterior ao SV elevou a probabilidade de cancelamento da marca de plural. Os SVs isolados e primeiros de uma série também mostraram-se favorecedores da presença de CV, mesmo quando amalgamados.

Em linhas gerais, os resultados apontam evidências de que a variação no uso da CV é inerte ao sistema lingüístico, visto que os fatores lingüísticos condicionantes se revelaram pertinentes na amostra.

Recebido em 10 de junho de 2005. Aceito em 22 de junho de 2005.

Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 13. ed., São Paulo: Saraiva, 1961.
- BAXTER, Alan N. & LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários*. Rio de Janeiro, 1997, n.19, p.65-84.

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa: curso médio*. São Paulo: Nacional, 1964.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In.: COUTO, Hildo Honório (org.). *Ensaio de lingüística aplicada ao português*. Brasília: Thesaurus, 1981.
- CARVALHO, Hebe Macedo de. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1997.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ESPÍNOLA, Sandra. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1999.
- GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. PhD Dissertation, Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981, v. 1 e 2, mimeo.
- _____. Saliency and the direction of syntactic change. 1986, mimeo.
- _____. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In.: *Estudios sobre Español de América y lingüística afroamericana*. Bogotá, 1989, p. 226-245.
- HORA, Dermeval da, PEDROSA, Juliene L. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 2001.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. 3. ed., Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LEMLE, M.; NARO, Anthony J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.
- LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (eds.). *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: TFM, 1998, v.6, p.73-99.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

- MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language: ISA*, 1981, v.57, n.1, p. 63-98.
- _____. LEMLE, M. Syntactic diffusion. *Papers from the Parasession on Diachronic Syntax*, 221-239. Chicago: CLS, 1976.
- NICOLAU, Eunice M. das Dores. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1984.
- PINTZUK, Susan. *Varbrul programs*, 1988. Inédito.
- POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: Competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (eds.). *Locating language in the space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980, p.55-67.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua portuguesa*. 3. ed., São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SCHERRE, M. Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, FL/UFRJ, 1988.
- _____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon: A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras, 1991, v.5, n.18, p. 52-70.
- SCHERRE, M. Marta Pereira. Paralelismo lingüístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, v. 7, n. 2, p. 29-59.
- SCHERRE, M. Marta Pereira & NARO, Anthony J. Marking in discourse: Birds of a feather. *Language variation and change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, v.1, n. 3, p. 23-32.
- _____.; _____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA*. São Paulo, 1993, v. 9, n. 1, p. 1-14.
- SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 7. ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*. João Pessoa, 1997, v. 2, ano 2, n.1.

- WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of a Language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

Nota

1 Prel. corresponde a Peso Relativo e assim é usado em todo o texto.